

VERSO e

REVERSO

educando o educador

Curso por Correspondência para
capacitação de professores de
Educação Básica de Jovens e
Adultos.

8

ESTUDOS SOCIAIS

Sumário

Ministério da Educação - MEC
Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos - EDUCAR

8

ESTUDOS SOCIAIS

Curso por Correspondência para
capacitação de professores de
Educação Básica de Jovens e
Adultos.



Brasília, 1988

Impresso no Brasil/Printed in Brazil
© 1988 — Fundação EDUCAR
SCRN 702/703 — Bloco C — Loja 6 — CEP 70000 — Brasília — DF

Diretoria Técnica:

Autoria:

Neise Freitas da Silva e Sérgio Pinheiro Guerra

Supervisão:

Maria Núbia Barbosa Bonfim

Assessoria de Comunicação/Área de Textos e Editoração

Preparação e revisão de texto:

Marilda Barroso Bottino e Rita de Cassia Martins Costa Brito.

Programação visual:

Sílvio de Moura Dias

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pela Fundação Nacional para Educação de
Jovens e Adultos)

F981 Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos.
Estudos sociais. 2.ed. Brasília, 1988.

36 p.: 28 cm (Verso e Reverso — Educando o Educa-
dor, 8)

1. Educação de Adultos. 2. Estudos Sociais. 3. Material
Didático. I. Série. II. Título.

88 - 66

CDU: 981:374(07)

CDD: 374.9

Sumário

Apresentação.....	5
Objetivos e Importância da Área de Estudos Sociais.....	7
Conteúdos da Área de Estudos Sociais.....	14
Metodologia Aplicada à Área de Estudos Sociais.....	17
A Relação Professor/Aluno – Um Procedimento Cooperativo.....	17
Partir do Próximo para o Distante, do Individual para o Universal.....	18
Trabalhar a Relação entre Causas, Conseqüências e a Noção de Processo.....	18
Problematizar Fatos e Acontecimentos.....	19
Utilizar a Comparação entre Fatos ou Áreas Estudadas.....	19
Predominância do Ensino por Atividades.....	19
Priorizar a Atividade Coletiva, em Grupo.....	20
Recursos e Técnicas Utilizadas na Área de Estudos Sociais.....	21
Mapas e Globos.....	21
Tabelas ou Quadros.....	22
Gráficos Simples.....	23
Linha do Tempo.....	24
Reálías, Gravuras, Cartazes e Murais Didáticos.....	24
A Comunidade como Recurso de Ensino.....	26
O Uso de Documentos.....	27

O Ensino da História no 1º Grau.....	28
Glossário	32
Indicação Bibliográfica	34
Bibliografia.....	36

5
7
14
17
17
18
18
18
19
19
20
21
21
22
23
24
24
26
27

Objetivos e Importância da Área Apresentação

Esta unidade situa a área de Estudos Sociais na educação básica de jovens e adultos. Analisa sua importância, seus objetivos e sugere alguns procedimentos que podem ser utilizados pelo professor com seus alunos.

Suas informações não esgotam os assuntos tratados. Apenas têm o objetivo de iniciar o professor no trabalho com a área de Estudos

Sociais. O aprofundamento desses assuntos poderá ser realizado a partir da bibliografia indicada.

O texto não pretende ditar regras porque acredita que o professor com a sua experiência é capaz de criar caminhos próprios e adequados para os alunos que ele tão bem conhece.

Objetivos e Importância da Área de Estudos Sociais

Vão votar nas eleições futuras os adolescentes com mais de 16 anos. O voto do jovem dessa idade não é obrigatório. Esse direito está previsto na nova Constituição Brasileira.

Você já refletiu sobre esse assunto? Já levou um texto assim para discutir em sala de aula com seus alunos?

Textos como esse são próprios para aulas de Estudos Sociais.

Você saberia dizer por quê? Veja:

Eleição, direito ao voto são temas

motivadores, principalmente se a sua turma for composta de jovens e adolescentes.

Nesse assunto, a Nova Constituição avançou, ampliando o direito de voto que até então só era dado aos que tinham mais de 18 anos de idade. Em constituições anteriores, além de se estabelecer limite de idade, também se restringia o voto da mulher, do analfabeto e daqueles que ganhavam pouco.

A partir do texto, pode-se discutir a importância do voto: porque se vota, em quem se deve votar, que qualidades deve ter um candidato para merecer o nosso voto, e, ainda, a responsabilidade do voto dos adolescentes, que representam uma grande parcela da população brasileira.

Esses assuntos e muitos outros fazem parte dos Estudos Sociais.

A área de Estudos Sociais se preocupa com as relações entre os homens e destes com o meio natural.

Ao estudar esta área, o aluno vai conhecer as ações do homem, através dos tempos, no lugar em que ele vive.

Para tanto, Estudos Sociais se utiliza de conhecimentos da **Economia, Ciência Política, Antropologia, Sociologia**, privilegiando o estudo da História (tempo) e da Geografia (espaço).

Repare o quadro abaixo.

Temas	Conteúdo	Campo do conhecimento
O homem com seu trabalho modifica a natureza, transforma os recursos naturais, produz cultura .	Paisagem natural, recursos naturais, cultura, etc.	Geografia, Antropologia, História, etc.
O homem tem necessidades básicas e para supri-las necessita efetuar trocas.	Divisão de trabalho, produção, noção de excedente, progresso tecnológico , etc.	Economia, História, etc.
Os homens se organizam de diferentes maneiras, para regulamentar sua vida em sociedade.	Organização social, grupos sociais, instituições, poderes constituídos, etc.	Sociologia, História, Política, etc.

Você pode pensar que esses conteúdos são difíceis e complexos para os alunos. Na realidade, a nossa experiência mostra que eles são fáceis e simples de serem entendidos porque estão ligados a coisas que acontecem na sua vida diária.

O aluno é, como todos os homens, um ser social e como tal é agente de transformação da sociedade em que vive. Ele precisa conhecer a sua posição e o seu papel nesta transformação.

Um dos objetivos da área de Estudos Sociais é sistematizar, ampliar e aprofundar a

compreensão do aluno sobre o mundo em que ele vive e conscientizá-lo para que possa ter uma participação mais crítica nesse mundo.

Por exemplo: os alunos, jovens e adultos atuam no processo produtivo, como trabalhadores que são. Nas aulas de Estudos Sociais, o professor tem oportunidade de discutir as conseqüências da participação ou não do trabalhador nos **sindicatos** das categorias profissionais a que pertence. A participação do trabalhador fortalece a luta sindical. O sindicato forte alcança direitos até então inexistentes.

A sociedade está sempre se transformando, de forma lenta ou acelerada, em determinada direção. Os homens (os alunos/professores) todos precisam ter consciência disso para poderem influenciar de forma ativa no tipo de sociedade que responda aos seus anseios e ideais de vida.

Refleta um pouco mais sobre a importância do ensino de Estudos Sociais para jovens e adultos, lendo os textos a seguir de Neidson Rodrigues.¹

Embora os textos sejam dirigidos a professores de crianças e adolescentes do ensino regular, justifica-se o seu uso por professores de educação básica de jovens e adultos. A escolha de textos que discutem o ensino da História e da Geografia é pertinente, pois elas constituem conteúdos específicos de Estudos Sociais.

"Aos professores de história

"Meus caros professores.

"Um famoso pensador da primeira metade deste século dizia que não podemos separar a cultura, da história da cultura. Seria impossível fazermos história sem que tenhamos uma concepção do mundo criticamente coerente. Isto implica ter consciência de que a nossa realidade cultural, isto é, o momento histórico em que estamos vivendo é produzido por homens organizados e pode ser comparado com outras realidades culturais.

"O importante no ensino da História não é tanto relatar fatos passados ou enumerar acontecimentos que podem ser localizados geograficamente e datados

cronologicamente, mas sim mostrar que em cada momento os homens estão produzindo uma realidade cultural. Aprender a forma como os homens concebem a vida e a transformam; é a sua capacidade de se relacionar com a natureza e transformá-la através dos instrumentos próprios de trabalho existentes no momento; é ainda o nível de organização e de desenvolvimento científico e técnico de uma época, e a concepção de mundo existente naquele momento. Nesse sentido, o ensino de História possibilita às crianças e aos adolescentes compreenderem as diferentes maneiras pelas quais o homem se relaciona com a natureza e com a sociedade."

Você já percebeu professor o quanto o ensino da História é importante para que os alunos compreendam a sociedade em que vivem?

"O ensino de História deve apontar sempre para o presente: não pode se reduzir unicamente a informações sobre o passado, descoladas da realidade atual. O descobrimento do Brasil não tem o menor sentido quando ensinado por si mesmo. Não podemos nos limitar a informar às crianças que, em 1500, um aventureiro partiu de um porto de Portugal, comandando outros aventureiros e em navios precários, com eles saindo para algumas peripécias no mar, chegando a um lugar perdido e desconhecido que passaram a chamar Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz ou Brasil.

¹ RODRIGUES, Neidson. Lições do príncipe e outras lições. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1985. n.p. (Coleção Polêmicas do nosso Tempo, 8).

"O importante, ao transmitir essas informações, é passar aos alunos a concepção de mundo, a visão da realidade que imperava na época. Eles devem compreender que entre a Europa e o mundo oriental existiam relações estabelecidas através de uma atividade comercial economicamente explicitada, em função de uma determinada concepção de riqueza e de um modo de produção em desenvolvimento — o capitalismo mercantil. Precisam saber que as relações sociais de produção, as relações de trabalho, as relações pró-cultura, as relações com o mundo são responsáveis por impulsionar um determinado país à busca de alternativas comerciais. Foi assim que Portugal pôde realizar aquilo que representava a concepção de mundo de seu povo. O professor deve fazer os alunos perceberem que foram as condições da época que permitiram determinadas ações. As incursões ao longo dos mares resultavam do desenvolvimento da técnica de navegação, da ciência da observação, ao mesmo tempo em que possibilitavam o avanço da técnica e da ciência. A conseqüente ampliação do mundo europeu desembocou numa nova ordem mundial. E essa nova ordem produzida pelas ações de homens organizados e cheios de vontade permitiu transformar a realidade mundial do momento.

"É fundamental, portanto, que os alunos compreendam por trás do fato relatado as relações sociais, econômicas, políticas e culturais que o produzem. Eles precisam também captar suas conseqüências, em termos do desdobramento do conhecimento científico e técnico que o mundo conheceu a partir destas ações. E, com isto, os alunos ascendem ao conhecimento da História, não mais considerada como uma sucessão de fatos explicitados numa sucessão de tempo, mas sim como ações humanas organizadas,

que possibilitaram a transformação da realidade social, econômica, política e técnica de um certo momento. Isto é fundamental: que eles compreendam que os homens estão a todo momento transformando a realidade."

Você concorda que é fundamental que os alunos compreendam que os homens estão a todo momento transformando a realidade? Por quê?

"A História é isto: é a transformação da realidade. É a transformação do mundo e a transformação do homem. É a transformação da maneira como o homem se relaciona consigo, com o social, com o poder, com a natureza. Nesse sentido, todos os fatos históricos — seja o descobrimento do Brasil ou uma conquista militar, ou o desenvolvimento da ciência e da técnica, as transformações culturais ou as revoluções, passadas e presentes —, todos eles se relacionam com um certo dinamismo da ação humana. A cada momento, a intervenção do homem na realidade produz transformações nas relações sociais, nas relações econômicas, nas relações políticas. O homem está sempre criando uma nova cultura e, portanto, uma nova realidade. "Ora, isto nos aponta para o presente. A realidade brasileira de hoje é resultante de uma série de intervenções humanas na história do Brasil: a chegada dos navegadores portugueses às costas brasileiras, o modo como o homem europeu colonizou o país e a forma como o homem colonizado foi criando uma consciência própria, de povo que

deveria em algum momento se tornar independente de seus colonizadores.

"A história do Brasil é a história de um grupo europeu que implementou uma nova cultura num outro mundo, trazendo, inclusive, para cá novas formas de organização humana e social, e incorporando outras, já existentes, como as comunidades indígenas.

"Como surgem os brasileiros? No começo, eram colonizadores portugueses, índios que vão sendo aculturados, escravos que vão se tornando uma força de trabalho na produção da colônia. Depois, a partir de um certo momento, os filhos dos colonizadores, dos índios e dos negros começam a tomar consciência de se constituírem num grupo cujas relações não são mais determinadas pelas relações anteriores dos seus ancestrais. Criaram agora relações próprias, em função do trabalho que realizam, da habitação que constroem, da alimentação que produzem, das festas que organizam.

"Da totalidade dessas relações, emerge uma nova ordem cultural: uma nova mentalidade vai se produzindo. Surge uma nova postura e o indivíduo começa a se sentir, não mais português, não mais índio, não mais escravo e sim brasileiro. E a partir deste momento, portanto, nasce a necessidade de independência, a vontade de se libertar das amarras da colonização, ou das amarras da escravidão.

"O dinamismo próprio da História é que impulsiona e faz avançar o nível de organização do povo. É necessário, portanto, que o professor de História transmita a esses alunos a noção de que a realidade é produzida pela força dos homens, pela vontade dos homens, pelo seu modo de se organizar, pelas concepções de vida e de mundo que surgem em função da própria ação humana.

"A História não é uma sucessão de acontecimentos casuais. É, sim, uma sucessão de eventos que vão sendo produzidos e reproduzidos no próprio ato de construir o fato histórico. Isto redimensiona a importância da atuação dos grupos sociais. Precisamos afastar do ensino de História a concepção colonialista de que os eventos só ocorrem por doação do poder. Assusta a qualquer leitor crítico as colocações dos livros de história: a libertação dos escravos é uma dádiva do governo num certo momento; a independência do Brasil é resultante da força da vontade de um Príncipe; a vitória numa guerra depende apenas da visão ou do heroísmo de um general."

Na escola onde você trabalha o estudo da História tem sido desenvolvido como uma sucessão de acontecimentos casuais? Pense sobre isto.

"O professor deve contrapor à visão ingênua dos livros didáticos a versão verdadeira, ou seja, a independência do Brasil, a liberdade dos escravos ou uma vitória militar só foram possíveis na medida em que milhares de pessoas lutaram para alcançar a meta desejada. É a ação de muitos homens que produz os grandes líderes históricos. O grande líder histórico, o grande herói não é aquele que conduz o povo a seu bel-prazer. Mas é aquele que, compreendendo a realidade do momento histórico, a responsabilidade e as necessidades de um povo, assume a responsabilidade de coordenar a vontade coletiva, conduzindo-a na direção da

construção da nova realidade que este povo deseja.

"Muitos outros aspectos a respeito do ensino de História poderiam ser mencionados. O mais importante, porém, é lembrar que a tarefa urgente é formar em nossos alunos a consciência de que eles são agentes da História e como tal podem mudar a realidade."

Com a sua experiência de professor, reflita sobre a afirmativa do autor: os livros didáticos têm uma visão ingênua da História.

"Aos professores de geografia

"Senhores professores.

"Lembro-me, muito bem, de uma criança, ainda no 4.º ano primário, que, por várias vezes, foi obrigada a permanecer na classe após o tempo normal de aula, para que pudesse estudar, até decorar as questões que sua professora de Geografia exigia que ela soubesse: o que era istmo, o que era estreito, os picos mais altos do Brasil e os nomes das capitais de países da América Latina.

"Geralmente, o ensino de Geografia, no Brasil, tem-se limitado a informar nomes dos acidentes geográficos. Os alunos aprendem o nome do maior rio do Brasil, dos seus afluentes, o nome das serras, das cadeias e das cordilheiras de várias regiões do mundo, os nomes e alturas das principais montanhas e os nomes das capitais. Quando muito em alguns projetos pedagógicos considerados ambiciosos, o homem chega a conhecer

as diferenças de terreno e de produção econômica de diferentes países.

"Reduzida a explicitar a realidade de um espaço morto ou de uma natureza sem dinamismo, a Geografia se transforma, ano a ano, numa espécie de sofrimento para o estudante. Isto porque se ignora o fundamental, no ensino dessa disciplina, ou seja, que o aluno deve compreender o espaço não como algo estático que existe para ser descrito, mas como uma realidade viva que está sendo construída e reconstruída pelos homens. O espaço geográfico é o espaço ocupado pelo homem, e, portanto, transformado por ele. Este processo de transformação ocorre quando o homem produz bens, constrói estradas, transforma os rios em meios de comunicação, incorpora a natureza como instrumento vital para mudança de suas relações sociais onde edifica cidades, pontes e estabelece meios de ligação entre várias regiões. Mesmo o espaço que ainda não está ocupado se coloca como uma reserva no horizonte vital humano para ser transformado, e portanto é um espaço humanizado. Ocupado ou não, é sempre espaço sobre o qual o homem realiza ou pode realizar uma interferência – um trabalho."

Como na sua prática você pode tornar cada vez mais o ensino de Geografia um instrumento importante para a compreensão da relação homem x mundo físico e social?

"A apreensão desta relação dinâmica é que precisava ser incentivada nos nossos

estudos de Geografia, para que o aluno pudesse incorporar sua visão de espaço a uma visão social: espaço social/espaço natural. Por que as cidades, as aldeias, as vilas, as estradas, as pontes, os picos, as montanhas são descritas como se elas fossem algo que estivessem sempre ali, sem história, sem vida, sem interferência humana? O espaço geográfico é um espaço humano, na medida em que ele é uma realidade construída pelo modo como o homem se relaciona com esse espaço. O espaço é onde o homem assenta os seus pés e age com suas mãos transformando-o, tomando a natureza e transformando-a através da sua ação.

"Como o homem incorpora a natureza nas suas relações vitais? Trabalhando a terra e produzindo sobre ela; construindo, criando estradas e vencendo as distâncias; construindo cidades e rompendo, portanto, um ciclo de natureza inóspita, de uma natureza ameaçadora. E, através da construção de cidades e da produção de novas relações sociais, cria uma nova ordem: uma ordem cultural, social, através da qual o homem une os seus esforços, desenvolve novas

habilidades e constrói um novo dado histórico, um novo dado social.

"A Geografia deve ser uma ciência viva, na qual as montanhas, os rios, as florestas, as paisagens, as cidades, enfim, sejam compreendidos na sua importância. Não se restringem a dados frios. São importantes na medida em que se relacionam com o homem, são incorporados socialmente e passam a ter uma relação vital com o homem que está construindo e reconstruindo o espaço.

"É esta a Geografia que devemos ensinar e não uma espécie de ciência morta, desnecessária, que exige do educando apenas a memorização de certas informações para serem repetidas numa prova final, porque um professor ou um livro as julga importantes."

Pense um pouco na afirmativa – O homem modifica o meio e é modificado por ele.

Conteúdos da Área de Estudos Sociais

Na educação básica dos jovens e adultos – correspondente às quatro primeiras séries do 1º grau – os conteúdos de Estudos Sociais estão presentes desde a etapa inicial de alfabetização. Embora o propósito desta etapa seja alfabetizar, deve haver também a intenção de trabalhar conteúdos de Estudos Sociais. Na fase da alfabetização, qualquer que seja o método utilizado, os conteúdos de Estudos Sociais são, intencionalmente, estimuladores, já que aproximam o que está sendo aprendido da vida dos alunos, procurando despertar-lhes a consciência crítica social.²

Por exemplo: observe a exploração da palavra *terra*. A apresentação dessa palavra exige uma troca de idéias sobre o seu significado. Nessa discussão podem surgir os vários significados que a palavra *terra* pode ter,

todos eles relacionados à área de Estudos Sociais.

Com letra maiúscula *Terra* é o mundo em que vivemos. É o nosso planeta. Mas a palavra *terra* significa também solo onde o homem planta, cria animais, sobrevive com seu trabalho. Tendo o título de propriedade da *terra* em que trabalha, o homem do campo vive com segurança e tranqüilidade. *Terra* pode ser ainda o lugar em que a pessoa nasceu. Sua *terra*, sua localidade, seu município, seu estado.

A exploração da palavra *terra* dá oportunidade, portanto, de se desenvolver diversos conteúdos de Estudos Sociais, próprios da realidade dos alunos que, naturalmente, vão sendo organizados, ampliados e aprofundados.

² Na Unidade 5: *Alfabetização* você encontra os diferentes métodos de alfabetização.

Professor, pense na palavra geradora POVO. Como você orientaria a discussão dessa palavra?

Assim como a Linguagem se desenvolve com conteúdos de Estudos Sociais, isso também acontece na Matemática. Ela está diretamente ligada à realidade social do aluno. Somar, diminuir, multiplicar, dividir só tem sentido a partir de fatos concretos do seu dia-a-dia.

Por exemplo, no estudo de operações com quantias, o professor aproveitou a questão salarial e propôs o seguinte problema:

Edila recebe, por mês, um salário mínimo. Este mês, ela mandou Cz\$ 240,00 para sua família. Comprou, também, um ventilador por Cz\$ 1.500,00. Este mês, quanto do salário de Edila sobrou para outras despesas?

Antes da resolução matemática do problema, o professor discutiu com os alunos o valor do salário mínimo, seu poder de compra, as dificuldades que um trabalhador e sua família têm para sobreviver com o salário mínimo e muitas outras questões sobre esse assunto.

Agora reflita sobre a afirmativa – tudo leva a estudos sociais.

Se na alfabetização Estudos Sociais está presente na Linguagem e na Matemática, após a fase de alfabetização, ele aparece de

forma sistemática. Passa a ser uma área de estudo, com objetivos e conteúdos específicos, ao lado das outras áreas.

Pela sua própria natureza, Estudos Sociais utiliza e desenvolve os conhecimentos e habilidades adquiridos em outras áreas como Linguagem e Matemática. Por exemplo: Ao estudar o município, o aluno fará leitura sobre o tema, discutirá aspectos físicos, econômicos e sociais do lugar, utilizará habilidades matemáticas, para recolher informações sobre preços, produção agrícola, população, etc.

Pense: Que tipo de atividades você deve mais freqüentemente propor aos alunos quando estiver trabalhando Estudos Sociais?

É necessário utilizar atividades variadas em Estudos Sociais não só para atingir seus objetivos, e motivar os alunos, mas também para reforçar conhecimentos de Linguagem, Matemática, etc.

Assim, nas atividades próprias da área de Estudos Sociais, os alunos estarão sempre utilizando e aplicando habilidades adquiridas em outras áreas.

Como já dissemos, após a fase inicial da alfabetização a área de Estudos Sociais tem uma **identidade** própria e por isso mesmo é tratada de forma organizada e sistematizada. São estabelecidos conteúdos orientados para o atingimento de determinados objetivos.

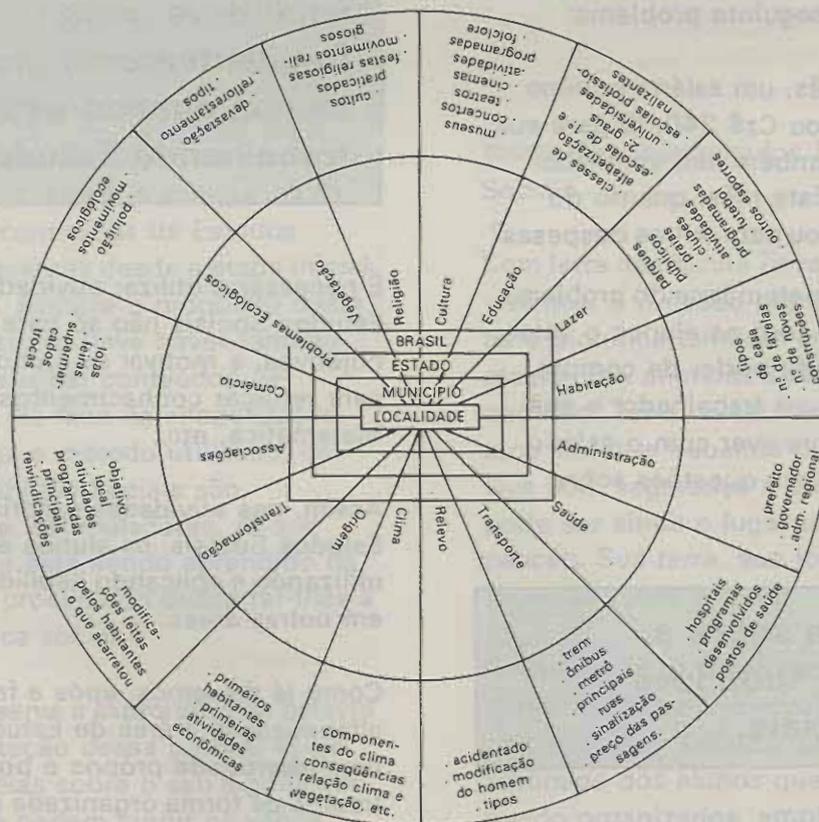
Esses objetivos pretendem promover nos alunos atitudes democrática, crítica, científica e criativa e devem corresponder aos comportamentos de entrada necessários à continuidade de estudos em cursos regulares ou supletivos de 5ª a 8ª séries do 1.º grau.

Os alunos dos cursos de educação básica, além de serem jovens, e adultos, são de baixa renda e, por isso mesmo, muitas vezes, para sobreviverem, são obrigados a se deslocarem, migrando da zona rural para a urbana, de uma região para outra. Diante dessa realidade, os conteúdos da área devem ser abrangentes e universais, comuns a todo o Brasil. Acresce-se a esses conteúdos a inclusão de conteúdos de interesse local, municipal, estadual e

regional, levando-se sempre em conta que, com base em sua prática de vida, os alunos já possuem um conhecimento que reflete a sua cultura, dando-lhes um modo próprio de ver e interpretar a realidade onde vivem.

Em geral, nas escolas supletivas, correspondentes às quatro primeiras séries do 1º grau, para a área de Estudos Sociais, propõe-se o estudo da localidade, do município, do estado e do Brasil.

Veja alguns aspectos que podem ser tratados nesses diferentes níveis. No entanto, cabe ao professor adaptar essas sugestões, de acordo com as possibilidades, interesses e necessidades de seus alunos³.



³ Este esquema foi baseado em DORNELLES, Leny Werneck & DEUSDARÁ, Therezinha. Estudos Sociais na escola de 1º grau. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1985. 99 p. il. (Série Estudos Sociais).

Metodologia Aplicada à Área de Estudos Sociais

"Quem sabe onde quer chegar escolhe o caminho certo e o jeito de caminhar."

Thiago de Mello

A Relação Professor/Aluno - Um Procedimento Cooperativo

A vida, como se diz popularmente, é a grande mestra. Com isso, quer-se dizer que nela o homem cresce, acumula experiências, aprende.

Quando chega à escola, portanto, todo aluno já traz consigo um rico estoque de conhecimentos e práticas que refletem a realidade geográfica, histórica e cultural do mundo onde vive.

É por isso que o professor não pode considerar o aluno como um ser neutro, sem

nenhum saber acumulado, sem história, sem cultura.

Na verdade, o aluno jovem e adulto, com seu trabalho e sua ação, participa do espaço geográfico a que pertence e que ele próprio ajuda a dar forma e, também, atua como agente criador e transformador no seio de sua comunidade.

Tudo isso lhe dá uma grande dose de conhecimentos e experiências. Se não levar em consideração esses aspectos, o professor acaba por marginalizar o próprio aluno do processo educativo.

É fundamental, pois, que no processo de ensino-aprendizagem, o aluno seja considerado como **sujeito** que cria e transforma a sua realidade através das relações que estabelece entre os homens e a natureza.

devam memorizar algumas datas e números. Porém, é necessário selecionar o que é realmente importante para ajudar o aluno a compreender o **processo histórico**.

Problematizar Fatos e Acontecimentos

O exercício da crítica é fundamental para o aluno. Ele não deve aceitar tudo o que lhe é oferecido como "verdade eterna e pronta", mas adquirir a capacidade de analisar um acontecimento sob diferentes ângulos, para distinguir por si próprio o que é mais provável. Isso só é possível uma vez que o professor não se coloque como dono da verdade abrindo espaço para dúvidas e questionamentos.

É importante, pois, que o professor sempre procure levantar as percepções dos alunos sobre os fatos e acontecimentos locais e nacionais, através de debates e discussões, de forma a permitir a comparação entre suas idéias e opiniões e as dos alunos, e entre as idéias e opiniões dos próprios alunos na busca de maior compreensão e "criticidade" sobre esses fatos.

Fatos conhecidos e sobre os quais existem opiniões discordantes podem servir para o professor iniciar com os alunos o exercício da crítica desinibindo-os, principalmente, no início do curso, quando muitos alunos ficam acanhados e têm dificuldade de dar suas opiniões.

Por exemplo, um fato comum nas zonas urbanas, em especial, nas grandes cidades é a violência. Você pode encaminhar a discussão pedindo aos alunos que dêem uma solução

para o problema. A seguir discuta/analise com eles os prós e contras de cada solução para depois concluir com a turma quais seriam as medidas mais viáveis e por quê.

Utilizar a Comparação entre Fatos ou Áreas Estudadas

É muito importante em Estudos Sociais comparar um fato ou uma área estudada com outros fatos ou áreas estudadas. A compreensão permite que se perceba as diferenças e semelhanças entre fatos, possibilitando uma melhor compreensão do mundo.

Predominância do Ensino por Atividades

Deve-se condenar o ensino da área de Estudos Sociais em que professor dedica a maior parte do tempo a aulas expositivas/faladas. Essa tendência limita a participação do aluno, o confronto de opiniões, o desenvolvimento do espírito crítico.

No desenvolvimento dessa área com jovens e adultos, é oportuno que se privilegie uma linha de trabalho que parta de atividades onde os conteúdos estejam nelas implícitos. Ao realizar as atividades, os conteúdos serão explicitados e sistematizados por professor e alunos.

Trabalhando assim, o aluno terá a oportunidade de descobrir/aprender, fazendo.

**Pense um pouco mais:
Quais desses pontos você já
utilizava em suas aulas ao
trabalhar a área de Estudos
Sociais? Quais deles são
novidades para você?**

Priorizar a Atividade Coletiva, em Grupo

A maior parte das atividades deve ser proposta como discussão ou pesquisa em grupo com a orientação/participação do professor. Através dessas atividades, o aluno é incentivado a dar sua opinião, ouvir o outro, refletir e concluir, possibilitando o desenvolvimento de sua capacidade de expressão oral e escrita.

Os trabalhos em grupo são importantes porque atendem a uma das finalidades da escola que é a de desenvolver intelectual, social e democraticamente os indivíduos. É através da atividade coletiva que alunos desenvolvem atitudes de respeito, interesse, cooperação, pontualidade e responsabilidade.

O professor tem um papel importante nesse trabalho. Como líder do grupo de alunos ele deve criar condições para que o trabalho atinja os seus objetivos. É necessário que ele conheça bem a turma. A partir desse conhecimento, então, o professor pode usar a técnica de trabalho de grupo mais adequada.

Por exemplo: Quando a turma tiver alunos com diferentes níveis de aprendizagem você pode organizar grupos mais **homogêneos** para que seja possível desenvolver trabalhos diversificados, dirigidos ou não. Você, neste caso, poderá dar um maior atendimento àqueles grupos que considera mais "fracos" ou que precisam mais de sua ajuda.

É preciso planejar antes o trabalho, para que ele esteja voltado para as necessidades e possibilidades dos grupos. O planejamento deve prever o tempo que vai ser gasto, fixar claramente os objetivos a serem atingidos, os conteúdos a serem trabalhados e as orientações que serão dadas.

Outro exemplo de trabalho em grupo é o chamado trabalho de equipe. Nesse trabalho os alunos são divididos em pequenos grupos. Os grupos devem ser equilibrados, mesclando alunos "fortes, médios e fracos". Escolha para cada grupo um líder que seja capaz de coordenar o trabalho de grupo, e um relator que vai anotar o desenvolvimento do trabalho. Com o tempo, os próprios grupos deverão eleger seu líder e relator. Não faça grupos nem muito grandes, nem muito pequenos. Varie sempre os grupos, a permanência dos mesmos alunos nos mesmos grupos poderá quebrar a unidade da turma.

**Você concorda que o trabalho
de grupo é importante?
Por quê?**

Recursos e Técnicas Utilizadas na Área de Estudos Sociais

Vários recursos e técnicas didáticas podem ser adotados durante o desenvolvimento do curso para facilitar a aprendizagem pelos alunos.

Fica a critério do professor a escolha da técnica e/ou recursos, levando em consideração o assunto a ser abordado, os objetivos a serem atingidos, os interesses e necessidades dos alunos, o nível de desenvolvimento da turma, o espaço físico da escola, o tempo disponível e outros. O uso de recursos didáticos facilita a aprendizagem, dinamiza as aulas e estimula a participação dos alunos.

Vamos ver alguns recursos e como utilizá-los em Estudos Sociais.

Mapas e Globos

Nem sempre é possível o professor e

alunos estarem no local sobre o qual estão estudando. Os mapas e globos são recursos que nos aproximam dos lugares que estão distantes, facilitando o ensino de Estudos Sociais.

Os mapas e globos são atrativos não só para crianças, mas também para jovens e adultos. Mas a sua utilização tem que ser feita de forma gradativa para que os alunos aprendam a lê-los de forma correta.

Uma iniciação ao estudo de mapas e suas convenções pode ser conseguida se propusermos ao aluno a representação gráfica do espaço ocupado por ele na sala de aula, ou da própria sala de aula ou da escola, estabelecendo ele mesmo, convenções e organizando legendas. Esse exercício bem simples revelará as dificuldades dos alunos em perceberem o

espaço e que, por isso mesmo, requererem maiores cuidados.

Como os mapas dizem muita coisa, o professor deve explorá-los bem.

Para ler um mapa, precisamos observar:

- o seu título;
- a sua legenda; e
- a sua escala.

O título indica o que o mapa representa. Veja o mapa a seguir. Como o título indica, ele mostra como o Brasil é dividido em regiões.

Cabe ao professor discutir com os alunos as muitas informações que esse mapa traz.

Brasil – Divisão Regional



A legenda explica o mapa através de símbolos.

Símbolos

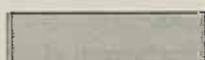
Significados



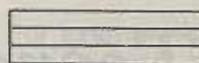
Região Norte



Região Centro-Oeste



Região Nordeste



Região Sudeste



Região Sul

Os mapas devem ser construídos em uma escala, isto é, em uma relação entre o tamanho verdadeiro e o tamanho do mapa.

O mapa é a **representação** reduzida da realidade. A escala dá a proporção dessa redução. Por exemplo, a escala deste mapa mostra que cada centímetro dele corresponde a 200 km do tamanho real. Tal como o mapa, o globo também é uma representação da totalidade em tamanho reduzido, entretanto, permite uma visão mais concreta da forma da Terra. Seu uso facilita o estudo dos movimentos da Terra, noção de dia e noite, posição do sol, estações do ano, hora, etc.

Mas os mapas complementam o uso do globo porque podem apresentar informações muito variadas como rios, lagos, vegetação, população, produção, estradas, etc.

Tabelas ou Quadros

Um quadro ou tabela contém informações de diferentes naturezas qualitativas e quantitativas. Você deve trabalhar, inicialmente, com alunos, tabelas ou quadros que sejam bastante simples.

Veja esse quadro:

Número de Aluno por Sala

Masculino	Feminino	Total
8	12	20

Esse quadro fornece informações quantitativas e qualitativas.

Na sala de aula há 20 alunos (quantitativo) sendo 12 do sexo feminino e 8 do sexo masculino (qualitativo).

Ao fazer uma representação por mais simples que seja, como essa, o aluno está exercitando a capacidade de análise e síntese de informações.

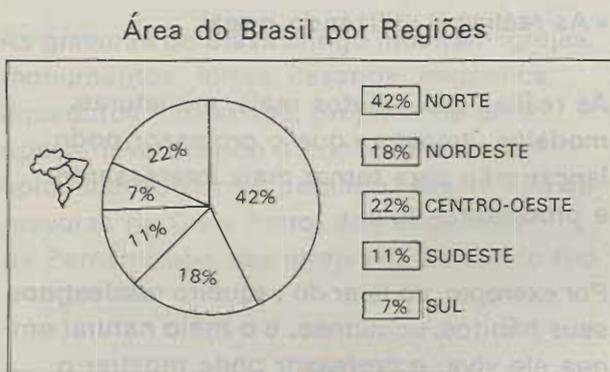
Gráficos Simples

A leitura e interpretação de gráficos são elementos que permitem uma melhor compreensão da realidade.

No dia-a-dia, nos jornais e na televisão, nos deparamos com informações representadas em diferentes tipos de gráficos: de barra, de setor, de linha, etc.

Eles fazem parte do sistema moderno de informações. Interpretá-los é importante para se entender as coisas que estão acontecendo a nossa volta.

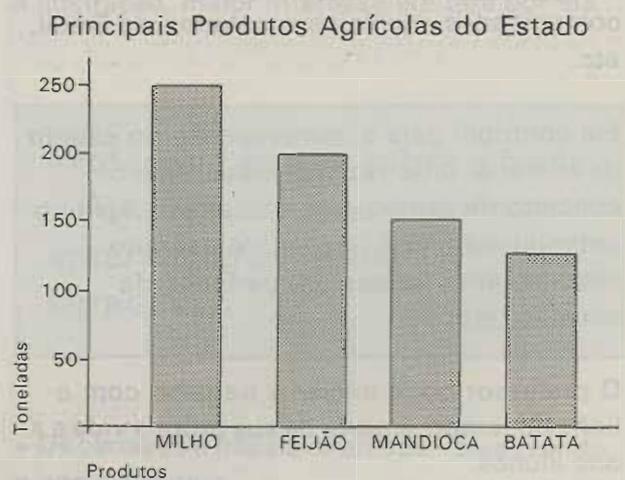
Veja um gráfico de setor:



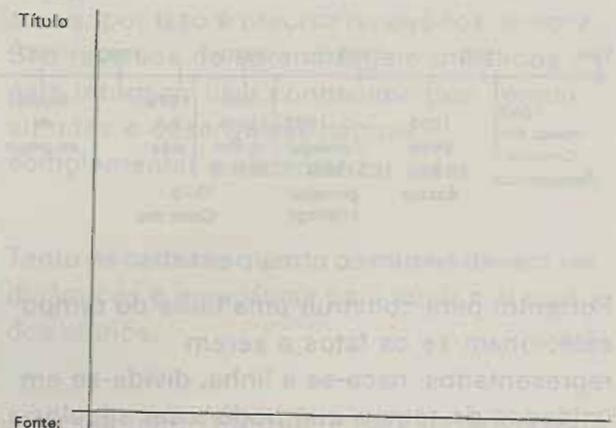
Este gráfico é usado para mostrar partes (regiões) de um todo (Brasil) e as relações entre cada parte e o todo.

Com algumas informações, os alunos, sob a sua orientação, podem construir tabelas e gráficos. Veja o exemplo:

Com as informações sobre os principais produtos agrícolas do seu estado/território, construa um gráfico de barras, com título, legenda e fonte, conforme o modelo abaixo.



Fonte: Secretaria de Agricultura do Estado - 1986



O mesmo tipo de gráfico pode ser feito para os produtos cultivados no município.

É importante que os alunos leiam, interpretem e representem, graficamente, informações e dados da vida real (quantidade, áreas, distâncias, etc.).

Estimule os alunos a trazerem gráficos para serem analisados, em sala, com a sua ajuda.

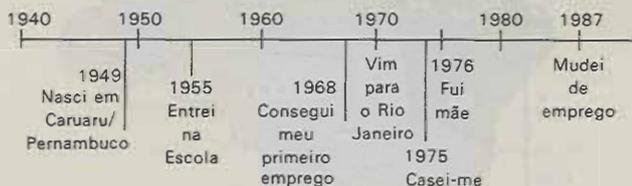
Linha do Tempo

A linha do tempo tem por finalidade situar cronologicamente fatos relacionados a comunidades, municípios, estados, ao Brasil, etc.

Ela contribui para a compreensão do estudo da História, uma vez que concretiza o conceito de tempo, que é abstrato. Ajuda o entendimento das noções de passado, séculos, anos, sucessão, períodos de duração, etc.

O professor pode iniciar o trabalho com a linha do tempo, a partir da sua própria vida e a dos alunos.

Exemplo:



Portanto, para construir uma linha do tempo selecionam-se os fatos a serem representados, risca-se a linha, divide-se em unidades de tempo que podem ser séculos, décadas, anos, meses, dias, etc. e estabelece-se uma escala. No exemplo, dividimos a linha de 10 em 10 anos, onde cada 2 centímetros corresponde a uma década.

A linha de tempo deve:

- ser simples;
- ter título;
- conter um só assunto;

- ser bem visível e clara;
- ter a escala bem precisa; e
- ter cada fato descrito com poucas palavras.

Sugestão de Atividades

Revedo as orientações, você seria capaz de traçar a linha do tempo das mudanças de capital no Brasil. Observe:

- 1ª capital do Brasil – Salvador – 1549
- Transferência da capital para o Rio de Janeiro – 1763
- Inauguração de Brasília – 1960

Utilize uma escala de 2cm para cada 1 século.

Reálías, Gravuras, Cartazes e Murais Didáticos

Esses são também importantes recursos visuais no ensino de Estudos Sociais.

- As reálías – utilizando o real.

As reálías são objetos reais, miniaturas, modelos, amostras que o professor pode lançar mão para tornar mais interessante e produtiva a aula.

Por exemplo, ao falar do vaqueiro nordestino, seus hábitos, costumes, e o meio natural em que ele vive, o professor pode mostrar o chapéu de couro, o gibão (colete), etc. que ele usa para se proteger da vegetação. Ou então, levar um boneco de barro representando a figura do vaqueiro.

Muita coisa pode ser utilizada como reália, depende apenas do assunto que está sendo trabalhado.

**Reflita mais uma vez:
Que reálias você usaria para
trabalhar os seguintes
assuntos:**

- eleição;
- produção mineral do seu município/estado ou Brasil;
- costumes e hábitos indígenas?

- As gravuras – ilustrando a aprendizagem.

Em jornais e revistas o professor e alunos encontram muitas gravuras que enriquecem o trabalho em sala de aula. Elas tornam os fatos reais, aproximam fatos passados, ou lugares distantes, favorecem a formação de conceitos, desenvolvem a capacidade de observação, etc.

As gravuras do Brasil antigo mostram igrejas, monumentos, fortes, casarios, engenhos, aquedutos, chafarizes, próprios de uma época, favorecendo o conhecimento e aproximação com o passado. Assim, são as gravuras de Ouro Preto, dos engenhos de Pernambuco, das igrejas da Bahia, do Rio antigo, etc.

Utilizando gravuras, o aluno do Rio de Janeiro estuda a Amazônia com seus rios e palafitas, da mesma forma, o amazonense pode identificar uma grande metrópole através de ilustrações do Rio e São Paulo.

As gravuras são recursos baratos e fáceis de se obter.

Uso de Notícias

É importante que o professor prepare o aluno para observar e interpretar a ilustração. Na medida em que o aluno tiver maiores conhecimentos sobre o assunto de que trata a ilustração, maior interesse ele terá por ela.

**Professor, pense sobre a frase
– Através da visualização a
aprendizagem é mais
agradável.**

- Os cartazes e murais didáticos – atualizando a aprendizagem.

Os cartazes e murais devem ser sempre atuais, por isso é preciso renová-los sempre. São recursos de aprendizagem utilizados para informar, fixar conhecimentos, formar atitudes e desenvolver hábitos, complementar e sistematizar aulas.

Tanto os cartazes quanto os murais devem ser dinâmicos e agradáveis para atrair a atenção dos alunos.

Eles são muito utilizados para desenvolver campanhas, dar avisos, transmitir notícias e convites. Devem ser colocados no espaço físico da sala de aula ou por onde os alunos passam, em função dos objetivos a serem atingidos.

Podem ser elaborados pelo professor ou alunos.

Veja um exemplo de cartaz:

**PROFESSORES,
FUNCIONÁRIOS
ALUNOS E
COMUNIDADE VOTAM**

**ELEIÇÃO DA
DIRETORIA DA
ESCOLA**

**EM 21/04
VOCÊ JÁ ESCOLHEU SUA
CANDIDATA?**

**Qual o objetivo desse cartaz?
Você acha que esse cartaz foi
bem elaborado?
Chama a atenção de seus
alunos?
É dinâmico?
Por quê?**

**Lembre-se de que:
O uso de recursos didáticos
como rélias, gravuras, cartazes
e murais deve ser planejado
com antecedência para que
possa atingir seus objetivos.
O professor pode ir colecionando
rélias e gravuras para utilizar
em época oportuna.**

A Comunidade como Recurso de Ensino

A aprendizagem também se faz além do espaço físico da escola.

A comunidade oferece ricas informações que devem ser consideradas pelo professor de Estudos Sociais.

Essas informações podem ser aproveitadas/colhidas através de várias atividades que o professor pode organizar e desenvolver, tais como:

Visitas e Excursões para Observação de Aspectos Naturais ou Culturais, etc.

Na realização de uma dessas atividades é necessário que se obedeça a alguns aspectos importantes, como por exemplo:

- definir bem os objetivos da excursão ou visita, que devem estar de acordo com os temas que estão sendo desenvolvidos na classe;
- selecionar as excursões ou visitas que melhor contribuam para o esclarecimento e fixação dos assuntos em estudo;
- fazer previamente a divisão de tarefas;
- dirigir a atenção dos alunos para os fatos importantes, esclarecendo possíveis dúvidas; e
- depois de realizada a excursão, utilizar algumas aulas seguintes para discutir os relatórios feitos pelos alunos.

Entrevista

Outra atividade que deve ser estimulada pelo professor e que aproveita recursos da comunidade.

Ela pode ser realizada trazendo-se o entrevistado para a classe e/ou procurando-o em local fora da escola (no seu trabalho, residência, etc.).

A entrevista dá oportunidade aos alunos de terem experiências de convívio social, de debate, de entender que as pessoas podem contribuir com seus conhecimentos, sendo fonte de informações.

Por sua vez, o entrevistado pode sentir, pela sua própria experiência, o tipo de trabalho que é realizado na escola.

Para que a entrevista tenha êxito é preciso alguns cuidados tais como:

- determinação do objetivo da entrevista;
- escolha do entrevistado;
- elaboração de convite ao entrevistado;
- estabelecimento de data, horário e local;
- previsão do tempo de duração;
- levantamento das perguntas;
- realização da entrevista; e
- avaliação.

Suponhamos que esteja em discussão na sala de aula o problema da água do bairro.

Como saber de onde vêm a água do bairro?

Qual o órgão responsável por esse serviço? Por que falta água? Por que nem

todos têm água canalizada? Por que reclamam do gosto ruim da água? Por que a

taxa de água é tão alta? Que melhoramentos estão previstos?

Sugestão de atividade:
Diante dessas questões e seguindo os cuidados mencionados, planeje com seus alunos uma entrevista.

Uso de Notícias

É um dos recursos mais utilizados pelo professor na aprendizagem de Estudos Sociais. O professor deve incentivar os alunos a trazerem notícias de jornais, revistas, rádio e televisão para serem discutidas em sala de aula. A leitura e os comentários de notícias atualiza os alunos com os fatos que estão acontecendo, desenvolve hábitos de leitura, o espírito crítico, etc. tornando o ensino mais vivo.

Para desenvolver atividades que utilizem a comunidade é preciso que o professor a conheça bem, nos seus recursos físicos, culturais, suas fontes de informação e os hábitos dos seus alunos que são membros da comunidade.

Pense sobre as fontes de informações onde seus alunos poderão encontrar notícias da comunidade em que está localizada sua escola.

O Uso de Documentos

Por último apresentamos para sua reflexão, uma experiência da professora Maria Helena Simões Paes, de São Paulo, que faz uso de documentos como recurso didático nas aulas de Estudos Sociais/História.

O Ensino da História no 1.º Grau⁵

"Parece-me que cada vez mais o encontro entre professores tende a se caracterizar pelo relato da prática educacional. Os encontros realizados com este objetivo fazem com que o professor ao relatar, reflita também sobre a sua prática em sala de aula. Fazem com que se documente o relato e a reflexão, os quais talvez, de outro modo, se perdessem.

Mobilizam o professor a revelar o que ocorre no seu domínio, quase sempre objeto de seu controle e conhecimento exclusivos.

Permitem que o professor se exponha a críticas e a questionamentos, importantes para a construção do conhecimento que está realizando.

"É neste sentido que entendo a minha participação neste II Encontro Regional de Professores de 1.º e 2.º Graus de História e Estudos Sociais; no sentido de resgatar e discutir a minha prática como professora de História, em especial no que diz respeito ao uso de documentos.

"No entanto, a minha experiência com o uso

de documentos, como outras que realizei em sala de aula, foram sempre uma tentativa de responder a uma série de questões relacionadas ao ensino da História. Estas questões não são novas, mas gostaria de recolocá-las mais uma vez, pois parece-me difícil discutir o uso de um recurso didático, sem pensar a problemática do próprio ensino da História. Eis aqui algumas destas questões:

1. O que se quer que o aluno de 1.º grau conheça da História?
2. Que tipo de História se quer que ele conheça?
3. Que tipo de História o aluno é capaz de entender?
4. Que tipo de História é capaz de motivá-lo?
5. Será que muitas vezes não se pretende levar os alunos a entenderem a História tal qual nós a entendemos?

"Marcel Reinhardt observa que a História narrativa, focalizando os personagens,

⁵ PAES, Maria Helena Simões. A prática do ensino de História. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1984. n. p. (Cadernos Cedes, 10).

situando-os num ambiente concreto é a única acessível aos alunos mais jovens.⁶ Terá ele razão? Será incompatível uma História narrativa com uma História explicativa? O que é a História explicativa para um adolescente de 11 anos e de 10 anos?

"Há ainda outras tantas questões: como conciliar, no ensino da História, as características psicológicas com as características intelectuais do adolescente? Por exemplo, como satisfazer a sua curiosidade pelos problemas humanos tendo em vista sua reduzida capacidade de abstração, sobretudo nos primeiros anos da adolescência?

"Como respeitar as características psicológicas e intelectuais do adolescente e, ao mesmo tempo, pretender que ele domine conteúdos programáticos muito extensos, que devem ser cumpridos em tempo exíguo? É possível desenvolver programas tão extensos e, ao mesmo tempo, levar o aluno a sentir, a perceber o caráter verdadeiramente humano da História?

"Será suficiente para o sucesso do ensino da História, que se concilie um determinado enfoque da História, adequado tanto à capacidade intelectual, como às características psicológicas do aluno? Não se teria ainda e sobretudo de pensar a questão da metodologia de ensino?

"Acredito que estas são algumas das grandes questões que estão por trás de todas as experiências que se realizam no ensino da História. Mas acredito, também, que elas não estão solucionadas e nem serão resolvidas no âmbito de um único encontro de professores.

"Gostaria de passar agora a discutir o uso de documentos, começando ainda com

interrogações: por que o professor usa o documento como um recurso didático? O que um documento pode revelar ao aluno? Por que o documento atrai tanto o aluno do 1.º como do 2.º grau? Que tipo de documento atrai mais os alunos de cada um destes graus?

"O que se segue é uma tentativa de responder, de alguma forma, às questões anteriormente levantadas.

"Iniciei o trabalho com documentos, nas aulas de História do Brasil, em classes do 2.º grau. Constatei que, embora estes alunos sejam capazes de um maior nível de abstração e estejam mais aptos a se interessar pela História que enfoque os processos, as ações coletivas, a História política e econômica, eles sempre demonstraram-se muito atraídos pela leitura de documentos. Era como se, depois de terem lido um texto sobre os engenhos da Colônia, eles se deparassem com uma nova realidade, ao entrarem em contato com o livro de Antonil. Ou então, descobrissem mais uma vez o indígena, nas palavras de Hans Staden, ou ainda compreendessem melhor a problemática do imigrante do século XIX, na fala de Thomas Davatz.

"Percebi também, na mesma ocasião, que um texto literário ou uma peça teatral transportavam mais vivamente os alunos a um tempo passado, levando-os a sentir os homens fazendo a História. Estes recursos motivavam os alunos a realizarem trabalhos extra-escolares, sem que disto decorresse nenhuma nota ou conceito. Lembro-me, por exemplo, de que durante dois meses, um grupo de alunos do 2.º colegial permaneceu reunido, semanalmente, lendo e tentando ensaiar Calabar de Chico Buarque.

⁶ REINHARDTH, Marcell. L'enseñement de l'histoire. Paris, P.U.F., 1957. Citado por COSTA, Emília Viotti da. O problema da motivação no ensino da História. Revista de Pedagogia. São Paulo, v. 9, n. 16, 1962.

"Portanto, se o aluno de 2.º grau, com uma capacidade de abstração maior que a do aluno de 1.º grau, com um repertório de linguagem e de vivências também maiores, demonstrou-se bastante envolvido com estes recursos, o que se pensa do aluno de 1.º grau? "Comecei então a usar documentos de forma mais sistemática, nas classes de 1.º grau. Isto ocorreu num momento em que o uso de material visual tornou-se também uma constante. Os dois recursos apareceram como uma tentativa de complementar o material básico: o texto didático.

"O uso de material visual, no início de toda nova unidade, tem sido empregado com o objetivo de dar ao aluno um repertório visual, para que ele possa construir imagens mentais, ao fazer a leitura de textos, sejam eles didáticos, literários ou documentos.

"Os documentos foram usados com o objetivo de dar vida ao texto didático, às vezes muito frio, despido de emoção, onde a presença do homem concreto dificilmente é percebida pelos alunos de 1.º grau.

"Para verificar se o objetivo estava sendo atingido, usei alguns indicadores, como por exemplo, as declarações dos alunos. A certeza de que o documento fala, de que os alunos entendem e sentem o que ele fala, pode ser confirmada pelas seguintes declarações: 'Agora eu realmente senti como era sofrida a vida do povo egípcio'. 'Com que prazer um rei conta a destruição que praticou.' 'É mentira o que diz Péricles; a democracia não era nada disto.

"Fiz também o seguinte teste: em duas classes que estudavam a História de Roma, trabalhei, numa delas, só com o texto didático e, na outra, utilizei alguns documentos. Feitas as leituras, pedi nas duas classes a alguns alunos que se apresentassem para fazer uma dramatização: uns seriam senadores, outros plebeus,

outros soldados. Diante da situação proposta, a classe que trabalhou com os documentos teve condições de representar adequadamente os personagens; a outra não. "O uso de documentos mostrou ainda outro aspecto que considero importante: a motivação dos alunos. Nos trabalhos em grupo, os alunos mantinham-se atentos por um bom período, na tentativa de decodificar o documento. Depois da leitura de alguns documentos da História de Roma, um grupo de alunos da 6.ª série resolveu dramatizar a chegada de um triunfador em Roma. Os mesmos textos levaram um outro grupo a empreender uma pesquisa sobre o exército e apresentar para a classe slides de todo o armamento romano, confeccionados por eles próprios; os slides foram acompanhados de explicações sobre as táticas de guerra utilizadas na época. O trabalho foi extremamente expressivo e interessante e os alunos acolheram prontamente a idéia de apresentá-lo para a outra classe, o que foi feito com muito entusiasmo.

"Mas os documentos apresentam algumas dificuldades. A primeira dificuldade é a do professor, em selecionar os documentos adequados a cada classe e prepará-los para serem utilizados pelos alunos. As outras dificuldades são as do aluno: termos muito desconhecidos, linguagem metafórica, entre outras.

"As dificuldades de linguagem podem ser contornadas, desde que se anexe ao documento um glossário, contendo o significado das palavras desconhecidas. Uma primeira leitura do documento feita pelo professor também ajudará na compreensão do texto. É importante, ainda, que se coloque algumas questões que auxiliem o aluno a desvendar o documento. "Outras atividades que se pode propor são: pedir aos alunos que comparem as

informações obtidas através do documento, com as informações que ele já possuía, antes de lê-lo. Pode-se também propor à classe que expresse o conteúdo do documento através de desenhos, maquetes, confecção de instrumentos ou outros recursos visuais. Ou finalmente sugerir a dramatização do documento.

"Hoje, olhando o meu trabalho nas classes de 1º grau, nos últimos anos, faço algumas críticas e levantando algumas dúvidas. Uma das críticas é o fato de ter ficado extremamente presa ao texto didático, usando outros recursos, como o documento por exemplo, somente como um complemento. Acredito, agora, que o uso constante do texto didático cansa e desestimula o aluno (aliás, eles próprios declaram isto). O documento pode perfeitamente ser utilizado na introdução de uma unidade, deixando-se que parta dos alunos as propostas de trabalho que o documento for capaz de evocar. Isto poupará muita energia do professor, pois trabalhará com uma classe motivada.

"Restam ainda dúvidas: Que outros objetivos podem ser atingidos com o uso de documentos? Pode-se pensar na utilização de documentos como um meio de levar o aluno a experimentar a tarefa do historiador?"

Como você viu existem inúmeros recursos didáticos que podem ser utilizados em Estudos Sociais. No entanto, os recursos que o professor mais usa é o quadro-de-giz e o livro-texto. Da mesma forma que os outros recursos, eles precisam ser bem aproveitados para que se tornem atrativos para os alunos.

Os professores, de um modo geral, têm uma vida difícil, trabalham muito, em mais de uma escola, e por isso mesmo não têm condições de se atualizarem.

Esperamos que essa unidade possa ser útil a você, professor, em seu trabalho, em sala de aula!

Se esse objetivo for atingido, ainda que em parte, ficamos satisfeitos.

Glossário

Ancestrais – Antepassados, gerações que vieram antes, das quais você descende.
Ex.: seus pais, avós, bisavós.

Antropologia – Ciência cuja finalidade é descrever o homem e analisá-lo nas suas características físicas (origem e evolução biológica do homem e o estudo da raça humana e seus vários grupos) e culturais (hábitos, costumes, crenças, organização social, etc.).

Capitalismo Mercantil – É um sistema econômico cuja riqueza produzida decorre, essencialmente, da atividade comercial. Sistema que subordina o capital ao comércio, ao interesse, ao lucro. Ex.: Na época do Descobrimento do Brasil predominava o capitalismo mercantil.

Ciência Política – Ciência que tem como objetivo de estudo o poder, compreendendo a luta por sua conquista, manutenção e expansão, as instituições por meio das quais ele se exerce, sua origem, estrutura e razão de ser. Nas sociedades modernas o Estado é o

supremo poder e daí ser objeto político de estudo da Ciência Política.

Cultura – É o modo como as pessoas vivem: o que produzem, sua religião, o tipo de casa que constroem, de cidades ou vilas, a maneira de criarem os filhos, como o trabalho está dividido entre as pessoas, os tipos de ferramentas que usam no trabalho, como se divertem, etc.

Divisão de Trabalho – No início da história do mundo todos produziam tudo. À medida que as sociedades tornaram-se mais complexas, o trabalho foi dividido, assumindo cada uma pessoa uma função. A isso chama-se divisão de trabalho.

Quanto mais uma sociedade se desenvolve, maior é a divisão do trabalho, maior é a especialização. Ex.: Na produção de um carro cada grupo de homem desenvolve um tipo de tarefa: montagem do motor, carroceria, pneus, estofamento, pintura, parte elétrica, acabamento, etc.

Economia – Ciência que trata dos fenômenos relativos à produção, distribuição, acumulação e consumo de bens materiais.

Homogêneos – Iguais semelhantes, idênticos, análogos. Ex.: Formação de grupos homogêneos de alunos para trabalhos diversificados, alunos que apresentam dificuldades e conhecimento semelhantes.

Identidade – Que tem características próprias, que não se confunde com nenhuma outra. Ex.: A área de Estudos Sociais tem objetivos e conteúdos próprios, por isso, ela tem uma identidade própria.

Uma pessoa também tem uma identidade – é o que a diferencia de outras (seu nome, sexo, idade, estado civil, local de nascimento, país, etc.).

Inóspita – Rude, rigorosa, inabitável. Em que não se pode viver. Ex.: O deserto é uma natureza inóspita.

Instrumento Vital – Meio fundamental para as mudanças. A natureza é fundamental para as alterações nas relações entre os homens.

Modo de Produção – Maneira pela qual a sociedade obtém os meios de produção necessários à existência humana e ao desenvolvimento desta sociedade.

No modo de produção capitalista, os donos dos meios de produção exploram os que não possuem esses meios. Ex.: O camponês sem terra, para não morrer de fome, tem que aceitar as condições que o dono da terra lhe oferece.

Noção de Excedente – No campo da produção econômica, excedente é a parte da produção que vai além do que se consome. O excedente se compra, se troca, se vende, se

comercia. Ex.: A produção brasileira de café e soja excede ao necessário para o consumo brasileiro.

Processo Histórico – Como a história se desenvolve. Como os fatos históricos se relacionam no tempo e espaço.

Produção – Aquilo que é produzido/fabricado pelo homem, especialmente, por seu trabalho associado ao capital e à técnica.

Progresso Tecnológico – Avanço, evolução dos conhecimentos técnicos que se aplicam a um determinado ramo de atividade. Ex.: Na área de construção civil tem havido um grande avanço tecnológico.

Representação – Reprodução daquilo que se quer. Ex.: O mapa reproduz em tamanho menor a realidade.

Sindicato – É uma associação de trabalhadores ou de patrões que têm o objetivo de defender os interesses econômicos e profissionais dos que dela participam.

Só podem participar de um mesmo sindicato aqueles que exercem profissões idênticas. Ex.: Sindicato dos Professores, Sindicato dos Industriais, etc.

Sociologia – Ciência que estuda as relações que se estabelecem entre pessoas que vivem em uma comunidade, ou num grupo social, ou entre grupos sociais diferentes que vivem em uma sociedade mais ampla.

Sucessão – Série de fatos que acontecem um após o outro e que têm ligação causal. Ex.: A história é uma sucessão de fatos.

Sujeito – Aquele que pratica a ação. Na escola o aluno deve ser considerado um agente capaz de produzir, de contribuir.

Indicação Bibliográfica

- Estudos Sociais na escola de 1º grau (série), de Leny Werneck Dornelles e Therezinha Deusdará. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. 1985. 99p. il.

Procura situar os Estudos Sociais no currículo escolar. Apresenta a fundamentação para o ensino dos Estudos Sociais, bem como aspectos práticos relacionados à utilização de técnicas e recursos didáticos nesta área de estudo. A última parte trata da avaliação do currículo e da aprendizagem na área de Estudos Sociais.

- Didática dos Estudos Sociais: como aprender, como ensinar, de Maria Helena Cozollino de Oliveira, e Ieda da Silva Monteiro. 3 ed. São Paulo, Saraiva, 1987.

Apresenta informações essenciais para o ensino de Estudos Sociais. Trata das relações dos Estudos Sociais com as Ciências Sociais e as demais áreas de estudo, seus objetivos, programas, livros didáticos e recursos didáticos em Estudos Sociais.

Propõe atividades a serem realizadas pelos leitores para maior reflexão sobre os assuntos apresentados.

- Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação de Neidson Rodrigues. São Paulo, Cortez, Autores Associados.

Discute as novas relações entre a sociedade e Estado no Brasil e as exigências de uma nova educação.

Apresenta ainda uma nova visão da função social e política da ação educacional. Na sua parte final trata, entre outros, do ensino da História – o homem como sujeito – e do ensino da Geografia – a produção do espaço social.

- A prática de ensino de História (Cadernos Cedes, 10). São Paulo, Cortez, 1984.

Registra trabalhos/experiências apresentadas no encontro de professores de História e Estudos Sociais de 1º e 2º Graus

realizado na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP –, em agosto de 1983. Artigos para reflexão e estímulo dos demais professores da área.

- A Geografia do aluno trabalhador; caminhos para uma prática de ensino (Coleção), de Márcia Spyer Resende. Loyola, 1986.

Afirma a necessidade da escola regular para as camadas populares e propõe partir, no ato de ensinar, do saber que o aluno traz consigo, de sua história, de sua vida. Mostra a necessidade de redefinir o conteúdo

de nosso ensino e encontrar formas pedagógicas capazes de socializá-lo.

- A incrível história dos homens e suas relações sociais de Wilma C. Mangabeira e Leila Maria Alvarenga Barbosa. Petrópolis, Vozes, 1985.

Apresenta conceitos fundamentais da história. Discute como eles devem ser ensinados para o aluno e como os alunos interessados em conhecer a Ciência da História podem se tornar críticos diante da realidade. Utiliza uma linguagem simples de desenhos de humor que ajudam o processo de aprendizagem.

Professor,

É importante o envio de suas respostas. Após a correção das atividades respondidas, você receberá, individualmente, observações sobre seu desempenho.

Não interrompa seu curso! Continue respondendo!

Bibliografia

BETTO, Frei. *OSPB*; introdução à política brasileira. 2. ed. São Paulo, Ática, 1986. 111 p.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático. *O livro didático; sua utilização em classe*. Rio de Janeiro, 1969. 253 p.

COZZOLINO DE OLIVEIRA, Letícia de Silva Monteiro. 3. ed. São Paulo, Saraiva, 1987.

APRESENTAÇÃO: informações essenciais para o ensino de Estudos Sociais. Trata das relações da Escola Social com as Ciências Sociais e as demais áreas científicas, suas funções, programas, livros didáticos e recursos didáticos em Estudos Sociais.

(Material básico dos cursos de treinamento para professores primários).

HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. 8. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, n. p.

PROJETO LOGOS II; didática dos estudos sociais. Brasília, MEC, 8 v. (Módulos de 1 a 8).

DISCUSSÃO: as novas relações entre a sociedade e o Estado no Brasil e as implicações de uma nova educação.

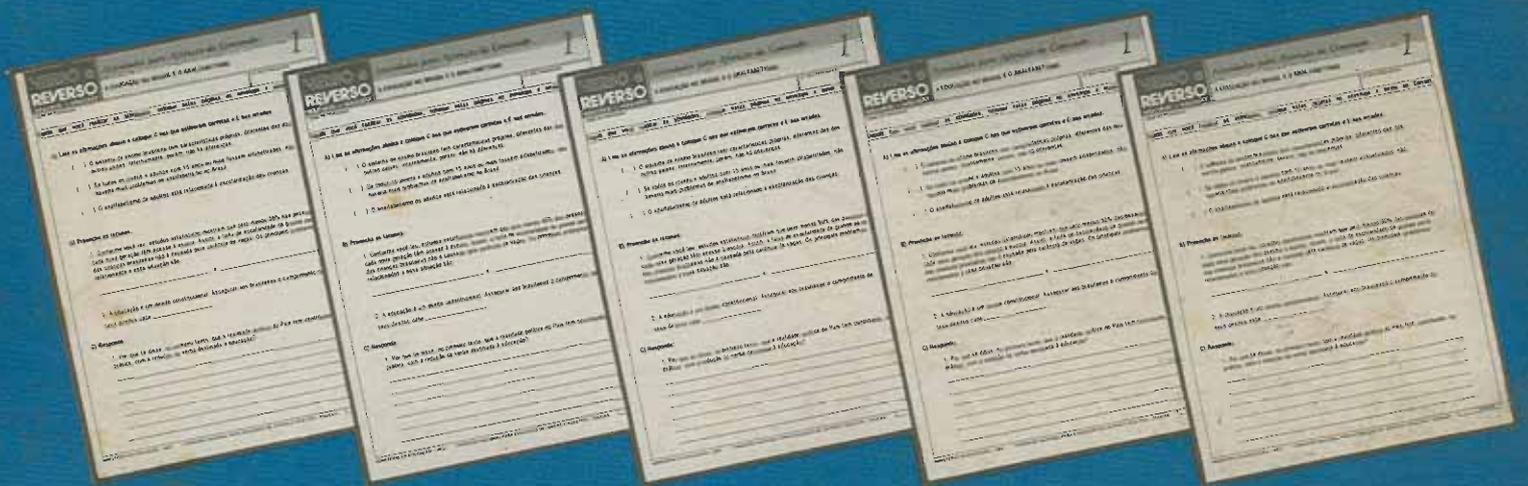
APRESENTAÇÃO: uma nova visão de história social e política que apresenta uma nova forma de tratar outros aspectos da História - o homem como sujeito - e de ensino de Geografia - a produção do espaço social.

A prática de ensino de História (Ciclo de Cursos, 10), São Paulo, Contexto, 1984.

REGISTRO: informações essenciais para o ensino de História e Estudos Sociais no 1º e 2º graus.

Um dos grandes
problemas do ensino por
correspondência é o não-
envio das respostas dos
participantes dos cursos.

Vamos mudar essa
situação!



Envie suas atividades respondidas, junto
com a ficha de avaliação da Unidade.

Na verdade, ao reconhecer e valorizar o saber do aluno o professor estará integrando a realidade externa, da vida, com a escola (a escola não pode ignorar ou se opor à vida).

No interior da escola deve-se, pois, estabelecer uma relação básica do fundamental: a interação educador/educando.

Dessa forma, haverá uma maior integração entre o professor e os alunos, passando a aula a ser uma tarefa não exclusivamente do professor (que tudo sabe; tudo decide), mas uma ação eminentemente cooperativa que articula o esforço e o interesse do professor com o esforço e o interesse dos alunos.⁴

Professor, observe e interprete a afirmativa – A escola não pode ignorar ou se opor à vida.

Dentro dessa perspectiva, apresentamos, a seguir, alguns pontos básicos que devem ser adotados no ensino da área de Estudos Sociais, por considerarmos que eles motivarão e facilitarão a aprendizagem dos alunos e, ainda, permitirão o desenvolvimento de uma mentalidade crítica e a melhor compreensão da sociedade em que vivem e das transformações que nela ocorrem.

Esses pontos são:

Partir do Próximo para o Distante, do Individual para o Universal

Por quê? Porque acreditamos que o aluno, compreendendo a sua realidade (meio

natural, relações sociais, grupo de trabalho, vizinhança, funcionamento das instituições, modificações que o homem imprimiu à natureza etc.), pode mais facilmente entender outras realidades mais amplas, ou seja, o município, o estado, a região e o país nos seus aspectos históricos, geográficos, econômicos, políticos e culturais e, assim, como atuar sobre eles e ser elemento de mudança.

Trabalhar a Relação entre Causas, Conseqüências e a Noção de Processo

É comum em Estudos Sociais, quando chega o fim do ano, o aluno ter um caderno cheio de nomes e datas para decorar. Isso, geralmente, desestimula a aprendizagem e leva a uma noção errônea sobre Estudos Sociais, que, em vez de nomes e datas, deve esclarecer as causas, o porquê dos acontecimentos e suas conseqüências na vida das pessoas e da sociedade de um modo geral.

Por exemplo, informar apenas sobre a Conjuração Mineira não tem o menor sentido se não mostrarmos a realidade da época em que este fato aconteceu. O professor deve fazer o aluno perceber que foram as condições da época que determinaram a Conjuração: os altos impostos cobrados na região do ouro, a proibição de se criar indústrias no Brasil, a formação de uma classe média urbana na região das minas, a independência dos Estados Unidos da América do Norte, a Revolução Francesa como ideal de liberdade em relação ao poder absoluto do rei.

Não estamos afirmando que os alunos não

⁴ Na Unidade 3, você encontra mais informações sobre o processo de ensino-aprendizagem do aluno adulto.